

## O QUE DESTRAVAM ESSAS TRAVAS? UMA CARTOGRAFIA DE DOCENTES TRANS\* E SUAS MEMÓRIAS SOBRE SEUS FAZERES PROFISSIONAIS NUM BRASIL PANDÊMICO<sup>1</sup>

**Homero Dantas Ragnane**

*Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.  
homeroragnane@gmail.com*

**Heloísa de Matos Lins**

*Profa. Dra do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.  
hmlins@unicamp.br*

### Resumo

Vivemos um momento de proliferação discursiva sobre gênero e sexualidade muito impulsionado pela vil atenção dispensada a esse assunto por parte de setores da extrema direita que ascenderam ao poder na arena política brasileira. Coadunada a esse momento, deflagrou-se uma pandemia que instaurou um período atípico de isolamento e restrições. Marcado (inclusive de maneira metodológica) por este contexto é que este trabalho busca refletir sobre os processos de docências trans\* tendo em vista não só os mecanismos impeditivos construídos via transfobia institucional, mas também as potências subversivas que orbitam o fazer docente destes corpos dissidentes. A hipótese sustentada aqui é que é digno de atenção por parte da academia o exercício de estratégias subversivas de negociação com

<sup>1</sup> Este *paper* é resultado de uma pesquisa de mestrado em andamento financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

os mecanismos impeditivos acionados pela comunidade escolar com vistas a entendermos os limites e alcances do nosso sistema educacional. Mais do que isso, a reflexão dessas pessoas sobre seu fazer docente também deve ser encarada como potente e valiosa produção de conhecimento. Para tanto, lançamos mão de táticas cartográficas como método de pesquisa mais adequado às condições pandêmicas ao analisarmos *lives* de professoras/es trans\* sobre sua inserção no contexto escolar, além de entrevistas semiestruturadas. Quanto às bases teóricas, neste trabalho dialogamos com um referencial oriundo dos estudos de memórias (auto)biográficas docentes, estudos *queer*, filosofia da diferença e os pós-estruturalismos.

**Palavras-chave:** docências trans\*, cartografia, estudos queer, narrativas (auto)biográficas

## Introdução

Em 2016 o filósofo italiano Emanuele Coccia alcançou considerável projeção com seu ensaio *La vie des plantes* e agora, mais recentemente, em 2020 publica outra obra bem recebida, o livro *Métamorphoses*. Nele, Coccia argumenta que existe uma unidade entre todos os seres vivos presentes, passados e futuros e toda a matéria do mundo que se daria mediante contínuos processos de metamorfoses. Assim, existiria um vínculo indelével, uma continuidade poder-se-ia dizer, entre as espécies que, pensadas como modos de existências, estão presentes no mundo.

Em entrevista<sup>2</sup> Coccia comenta a pandemia à luz de suas análises filosóficas e pontua o caráter fronteiriço do vírus. Ele diz: “um vírus é uma forma de vida que habita o limiar entre a vida ‘química’ que caracteriza a matéria e a vida biológica, sem pertencer a uma mais que à outra”. O vírus ocuparia, então, um lugar paradoxal de uma vida -não-propriadamente-vida que acoplada à nossa corporalidade impõe modulações aos nossos modos sociais e culturais de existência.

Começo falando sobre o estatuto filosófico das considerações sobre o vírus para argumentar que esta investigação também foi contaminada pelo Sars-CoV-2 e, assim como Coccia nos aponta considerando as implicações para a sociedade, também está em processo de metamorfose ocasionado pelo vírus. A adesão à cartografia enquanto via de produção de conhecimento só se mostrou enquanto possibilidade mediante a impossibilidade do deslocamento físico imposto pela pandemia e que, justamente por isso, ocasionou uma busca por formas outras de deslocamento e movimento. Desta maneira, este trabalho está não só marcado, mas, em certa medida, modulado pelo coronavírus.

## Metodologia

Dessa maneira, ainda nas analogias biológicas, assumir a cartografia enquanto princípio de trabalho e via metodológica de produção

---

2 Entrevista concedida originalmente ao *L'Echo* em 29/05/2020 e traduzida por Davi de Conti e Marcelo Jungmann Pinto. Disponível em: <https://www.glacedicoes.com/post/nenhum-distanciamento-social-pode-nos-protoger-emanuele-coccia> Acesso em: 13/04/2021

de conhecimento implica no entendimento de que esse trabalho objetiva a construção de um objeto de pesquisa que é fundamentalmente rizomático. Este emaranhado de fios (auto)biográficos meus e de outras subjetividades é enredado pelos nós (em todos os sentidos) produzidos pelos encontros ensejados no trânsito próprio pela vida.

A partir disso, a reflexão aqui constituída surge da materialidade das relações estabelecidas entre o pesquisador-cartógrafo e aquilo a que se chama de campo. Em outras palavras, “[...] não há coleta de dados, mas, desde o início, uma *produção de dados*. [Não] se trata da representação das formas de objetos, mas se faz através da *detecção de signos e forças circulantes* [...], de pontas do processo em curso.” (KASTRUP 2009, p.33, grifos meus).

Portanto, o que se pretende ressaltar também é a historicidade das posições de sujeito e objeto no curso de uma pesquisa de maneira a complexificar a relação entre esses territórios discursivos borrando suas fronteiras. Sobretudo se pensarmos a trajetória histórica da inserção de pessoas trans\* em trabalhos acadêmicos que são marcados por um *falar sobre* em vez de um *falar com* (SALES 2018).

É partindo deste contexto que localizamos metodologicamente nossa atenção sobre as *lives* e as entrevistas semiestruturadas que, em verdade, são muito mais conversas guiadas por um eixo de temas. No entanto, é preciso dizer que por se tratar de uma pesquisa de mestrado em andamento o tratamento analítico dispensado às *lives* e às conversas ainda está em fase de maturação, por assim dizer. Portanto, o que se apresenta nessa breve reflexão deve ser pensado muito mais a partir de uma ideia de pistas teórico-metodológicas que são, de certa forma, provisórias e vacilantes.

## Referencial teórico

O aporte teórico para a discussão aqui pretendida se serve dos debates dos estudos *queer* e suas relações com a filosofia da diferença e os pós estruturalismos. Partindo do entendimento de que os estudos *queer* são algo como uma postura de investigação genealógica dos processos de normatização de subjetividades. No âmbito mais específico dessa pesquisa, utilizamos essas discussões como propositoras de questionamentos acerca dos processos de exclusão das docências trans\* dos espaços escolares. Aqui dialogamos com Judith Butler

(2003, 2020), Michel Foucault (1988), Paul Preciado (2014), Gilles Deleuze (2017), Viviane Vergueiro (2015), entre outras.

A pesquisa também articula uma discussão sobre os processos educacionais e as transexualidades. Nela, ficam patentes os inúmeros mecanismos de invisibilização e marginalização acionados tanto nos registros institucionais como no bojo das relações cotidianas entre sujeitos escolares que culminam na tentativa de exclusão de corpos trans\* dos espaços escolares. As referências aqui são Adriana Sales (2018), Luma Nogueira de Andrade (2012), Sara York (2020), entre outras. Importante acenar para um campo emergente de produções trans\* nas ciências humanas, sobretudo na educação, que adquire tração à medida em que se consolida a ideia de que é imprescindível o diálogo com o conhecimento produzido por esses/as sujeitos/as.

Considero importante esse aceno porque a contribuição epistemológica trans\* ao debate desloca os termos da própria discussão que, por vezes, ficava excessivamente focada no destrinchamento e na evocação do sofrimento enquanto traço recorrente e mais marcante quando se fala das experiências trans\*. Transversa em todos os trabalhos supracitados um componente, na minha visão, muito importante que é a qualificação das potências das experiências trans\* derivadas de suas posicionalidades singulares. Com isso, não busco evidentemente negar ou diminuir os processos de exclusão e marginalização sofridos por corpos trans\*, mas evidenciar a criatividade, tenacidade e perspicácia com que esses/as sujeitos/as negociam esses limites e fronteiras.

Ao pensarmos as *lives* e as conversas tidas com professoras trans\* os referenciais são os estudos (auto)biográficos com Ivor Goodson (2019), Inês Bragança (2018) e as reflexões sobre narrativas a partir da acepção do conceito a partir de Walter Benjamin (1985; 1987) Jeanne Marie Gagnebin (1999); Entendemos os processos narrativos das memórias das professoras como a inauguração de um processo narrativo que é uma prática de relação entre sujeitos que instaura outro registro de sensibilidade no qual a palavra, em dissidência do enquadramento discursivo técnico do capitalismo, se encontra aberta em uma constituição coletiva que está calcada na experiência vivida no estar com outras. A memória aqui é acionada numa acepção que a entende como sendo um processo de rememoração do passado com base no presente.

## Resultados e discussão

Como já apontado anteriormente, esta discussão é um recorte de uma pesquisa de mestrado que ainda está em curso, isto é, os resultados aqui apresentados são provisórios, de certa forma, podendo se mostrar mais ou menos potentes a partir dos desdobramentos da pesquisa. No entanto, algumas considerações primeiras, não mais do que pistas de caminhos a serem seguidos, são possíveis.

A primeira delas é considerar a inescapabilidade da materialidade do corpo trans\* no espaço escolar. Porém, para além dos sofrimentos que decorrem dessa dinâmica, é possível vislumbrar algumas potências na medida em que recorre o relato de que os/as estudantes se sentem mais convidadas/os a abordarem questionamentos e discussões sobre gênero e sexualidade com docentes trans\*. Em outras palavras, a atuação das docências trans\* é, em parte, também modulada pela materialidade dos corpos, ensejando relações que desestabilizem os processos normativos de gênero e sexualidade propiciando brechas nas quais outros modos de existência podem encontrar substrato.

Sobre isso, Viviane Vergueiro (2015) aponta dois desdobramentos muito perspicazes. O primeiro deles é a necessidade de nos atentarmos às armadilhas e expectativas criadas também sobre corpos trans\*, seguindo a desconfiança típica dos estudos *queer* em relação a possíveis processos normativos criados no bojo da luta contra justamente formações discursivas normativas. Não é porque uma professora é travesti que ela deve abordar apenas assuntos sobre gênero e sexualidade. Somos, enquanto gente, múltiplos e incapturáveis; com uma gama enorme de interesses e inclinações. No entanto, quando o fazem sua atuação é marcada por um local de fala singular que potencializa suas práticas docentes no âmbito desta pesquisa, mas também dos debates sobre gênero e sexualidade como um todo<sup>3</sup>.

O segundo desses pontos é a poderosa observação sobre a possibilidade de uma subjetivação via educação. Vergueiro (*ibidem*), analisando a constituição discursiva da categoria cisgeneridade, observa que a transexualidade mobilizada enquanto gesto de identidade tem sua

3 Um exemplo disso são os esforços teórico-analíticos de pessoas trans\*, lembrados por Vergueiro (2015) na conceituação da categoria de *cisgeneridade* que talvez não tivessem acontecido caso dependesse somente da atuação de intelectuais cis.

origem nos saberes médicos e permanece dialogando com esses saberes e suas normatividades até hoje seja para as próprias pessoas trans\*, seja no esteriótipo que se cristaliza no senso comum. A presença e atuação de pessoas trans\* na educação oferece a possibilidade de construir outros sentidos possíveis para as transexualidades para pessoas trans\*, mas também para pessoas cis (sobretudo o alunado, no caso presente desta pesquisa) que não o das medicalizações.

Uma fala recorrente entre as interlocutoras desta pesquisa é a de que os atos violentos que buscam reafirmar os processos de exclusão de seus corpos inconformes dos espaços escolares, isto é, os braços da transfobia educacional, raramente partem dos alunes<sup>4</sup>, sendo mais frequentemente vindos da equipe gestora e de outros docentes. Daí é possível depreender a hipótese de que as docências trans\* podem servir como via para recolocar as bases sobre as quais se cristalizam o senso comum sobre as transexualidades e, sobretudo, as travestilidades oferecendo uma outra narrativa possível para esses corpos, narrativas essas que desmontam a imagem estereotipada que aciona a abjeção e marginalização como atribuições mais recorrentes feitas às transexualidades.

Esse aspecto se evidencia e se potencializa à medida que gênero e sexualidade tomam um lugar central no debate público no qual os sentidos dessas categorias são disputados por diversos agentes políticos. Sob o governo fascista de extrema-direita de Jair Bolsonaro essa centralidade das pautas sobre gênero e sexualidade se afirma desde a campanha para a eleição presidencial. Ao contrário do que algumas análises políticas apregoam, pautas como o *kit gay* e as reivindicações de organizações como o Escola Sem Partido estão em alta estima pelo núcleo mais duro de apoio a Bolsonaro; núcleo esse composto por (mas não só) setores neopentecostais conservadores que mobilizam discursos moralizantes sobre gênero e sexualidade. Assim, essas pautas não são “cortina de fumaça”, mas um enorme eixo articulador das forças apoiadoras de Bolsonaro.

É preciso entender o embate causado entre essas dimensões discursivas do bolsonarismo, o legado da história de inserção desses temas

---

4 Um exemplo disso está nessa entrevista realizada pela Revista Trip: <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/professores-transgeneros-falam-sobre-processo-de-aceitacao-na-sala-de-aula> Acessado em 10/05/2021

e discussões aos documentos curriculares<sup>5</sup> e a atuação das docências trans\* no “chão da escola” mobilizando estratégias contingenciais, cotidianas e situadas numa dimensão micro de agenciamento discursivo. A aposta aqui mobilizada pelas interlocutoras de pesquisa é a de que o exercício das docências trans\* passa necessariamente pela materialidade do corpo dos sujeitos por conta da inescapabilidade dos corpos trans\* - que, como disse uma professora, são corpos-paisagem porque “sempre alguém vai estar olhando” – que atuariam então como “corpos-bandeira” (GOMES, 2018) no agenciamento simultâneo tanto de um conjunto de pautas e reivindicações políticas quanto a desestabilização da concretude da suposta verdade de discursos conservadores e moralistas sobre as transexualidades. Engendrando, dessa maneira, um processo de potencialização da humanidade desses corpos via exercício da docência.

Outra pista para análise que reaparece nas lembranças narrativas das professoras é uma espécie de cálculo sobre o melhor momento para iniciar o processo de transição levando em consideração que, a depender das circunstâncias de trabalho, isso pode significar sanções por parte da escola, reações das famílias dos estudantes e até demissão<sup>6</sup>. Entendendo que outros marcadores atravessam esse cálculo também. Segundo as discussões empreendidas por intelectuais feministas negras cis e trans\* é possível entrever que a constituição dos processos de marginalização e exclusão se dá de uma maneira interseccional na qual diferentes marcadores sociais da diferença se articulam na conformação de uma posicionalidade para os corpos dos sujeitos na sociedade.

Um dado impossível de se contornar é a diferença nas experiências e nas vivências de professoras travestis brancas e negras. Segundo o Dossiê dos Assassinatos e da Violência Contra Pessoas Trans\*<sup>7</sup> em 2020 organizado pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais, a ANTRA, existe um aprofundamento da violência sofrida por corpos trans\* negros causado pela intersecção entre esses marcadores:

5 Parâmetros Curriculares Nacionais, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, assim como outros documentos curriculares estaduais, por exemplo.

6 Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/12/21/professora-trans-demitida-de-colegio-abre-empresa.html> Acessado em: 09/04/2021

7 Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf> Acessado em 10/05/2021

A estimativa de vida de uma pessoa trans é de 35 anos. Esta é uma média que vai diminuindo conforme os marcadores que constituem a pessoa se mostram presentes nas cicatrizes que ela carrega em seu corpo. Ser negra, mulher trans ou travesti, periférica ou favelada, do interior faz esta média cair muito. Corpos trans não são apenas trans [...]. Esses marcadores nos expõem ao risco aumentado de violência, principalmente ao assassinato. (ANTRA 2021, p. 49).

Neste excerto também aparece a articulação interseccional de gênero com outros marcadores sociais da diferença como classe, lugar de moradia e região. Por conta da pandemia, esta pesquisa se serviu da internet como principal ferramenta de busca e contato com docentes trans\*; o que possibilitou uma interlocução com pessoas de distintos lugares e regiões do país. Dessa maneira, um dos próximos desdobramentos desta investigação é tensionar essas diferenças expressas pela singularidade da posicionalidade de cada docente entendidas na especificidade do contexto do qual advêm.

Outro aspecto que modula a experiência docente para pessoas trans\* é o fato de trabalharem na rede pública ou na rede privada. A solidez da estabilidade oriunda do concurso público influencia não só no cálculo ao qual me referi anteriormente acerca da transição, mas também na própria liberdade do trabalho docente. Pensando ainda na ação interseccional dos marcadores sociais da diferença na trajetória de docentes trans\* possível ver, sobretudo nessa discussão em específico, as formas pelas quais os pertencimentos de classe (articulados à raça, dado o contexto histórico brasileiro) facilitam ou dificultam a inserção de docentes trans\* no circuito de escolas da rede privada.

Uma hipótese de trabalho no que tange essa questão é a de que pessoas que passaram durante sua trajetória estudantil escolar por instituições privadas de ensino básico têm mais chances de encontrar vias de inserção à esses circuitos; o que cria mais um mecanismo de filtragem para o acesso destes corpos trans\* à espaços escolares num exercício de docência. No entanto, como já dito, a estabilidade inerente ao funcionalismo público<sup>8</sup> ainda constitui importante atrativo

---

8 Em que pesem os ataques duros e vis aos direitos dos trabalhadores por parte dos setores representados do neoliberalismo na Reforma Trabalhista de 2017 e ao funcionalismo público por parte do governo de Jair Bolsonaro.

para docentes trans\* por conta da certeza de que a exoneração é uma possibilidade um tanto mais remota do que a demissão numa escola privada, embora ainda existam obstáculos e braços da transfobia institucionalizados no funcionalismo público educacional.

Por fim, outra pista interessante é considerar os sentidos a partir dos quais as professoras constroem sua visão sobre a docência. Uma professora travesti durante conversa informal, quando perguntada sobre as razões que a levaram ao magistério, começa sua resposta apontando que todas as mulheres de sua família são professoras. O que nos leva a considerar que, a depender do contexto, o exercício da docência pode operar também como um marcador de gênero e sexualidade à medida que fabrica novos sentidos de feminilidade, por exemplo. Considerando a associação historicamente constituída da docência às feminilidades também.

Evidentemente, este é um sentido possível para a docência dentre tantos outros. Por um movimento histórico de inserção de pessoas trans\* nas áreas de educação e humanidades (IAZZETI 2021) outros sentidos são atribuídos ao exercício da docência à medida em que a população trans\* é diversa, heterogênea e de origens e trajetórias múltiplas. Por exemplo, há docentes que afirmam terem chegado à educação porque essa era uma possibilidade mais concreta de negociação e luta contra os processos de marginalização que, é sabido, grassam as pessoas trans\*; contrariando, dessa maneira, uma narrativa que, por vezes, se ouve em tom sensacionalista do exercício da docência enquanto a realização de um sonho gestado desde a infância. Às vezes a docência pode figurar enquanto tão somente um instrumento para a construção de uma possibilidade de vida em termos materiais, *livelihood*.

Mantendo sempre em vista que esta é uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, estas são algumas questões que surgiram após contatos preliminares com o campo, bem como os esforços cartográficos para a construção deste emaranhado de encontros que entretecem os fios (auto)biográficos das trajetórias tanto do pesquisador quanto das/dos interlocutores desta investigação. É bem provável que algumas dessas hipóteses sejam confirmadas pelos desdobramentos dessa investigação e outras se comprovem como inadequadas ou menos potentes para a discussão.

## Considerações finais

Para concluir de uma maneira aberta e, paradoxalmente, inconclusa é necessário pontuar a necessidade da presença de corpos trans\* docentes na Educação do Brasil. Contrariamente ao que se pode pensar no senso comum a ocupação dos espaços escolares e educacionais por corpos trans\* não configura como um *problema de gênero*, parafraseando Judith Butler, mas uma via de entrada para movimentações que podem oferecer indícios de solução a problemas históricos da Educação. É preciso arejar a sisudez técnica e falsamente moralista da Educação.

Também é preciso considerarmos a prática docente como o exercício de uma intelectualidade pública, usando os termos de Antonio Gramsci, e, nessa medida, podemos situar a atuação das docências trans\* num quadro mais amplo de insurgência e emergência de outras epistemologias vindas de fora do centro que, ao nosso ver, podem engatilhar o desejo da ousadia em sonhar um outro futuro, melhorando assim o presente.

Assim, a prática de docentes trans\* deve também ser localizada neste registro mais abrangente de inovação epistêmica que, feito a custa de muita luta, pode oxigenar a sociedade como um todo. Retomando as analogias biológicas feitas a partir das reflexões de Emanuele Cocchia que inauguram as discussões empreendidas por esse texto, é preciso que a Educação seja contaminada pelas ações e deslocamentos paradigmáticos ocasionados pelas docências trans\* de forma que a transfobia institucional se veja em estado febril.

## Referências

ANDRADE, Luma Nogueira de. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós- Graduação em Educação, Fortaleza, 2012.

BENJAMIN, Walter. Infância em Berlim por volta de 1900. In: **Obras escolhidas II. Rua de Mão Única** S.P.: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: Obras escolhidas I. **Magia e técnica, arte e política**. SP, Brasiliense, 1985.

BRAGANÇA, Inês. *Pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. In: ABRAHÃO, M. H.; CUNHA, J.; VILLAS BÔAS, L. **Pesquisa (auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: Editora CRV, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do sexo**. São Paulo: Ed. N-1, 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: editora 34, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

GOMES, Carla. Corpo e emoção no protesto feminista. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 25, 2017, pp.231-255, 2018.

GOODSON, Ivor. **Currículo, narrativa pessoal e futuro social**. 1ª edição. Campinas: Editora Unicamp, 2019.

IAZZETTI, Brume Dezembro. Existe 'Universidade' em pajubá?: transições e Interseccionalidades no acesso e permanência de pessoas trans\*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2021 (no prelo).

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V. ESCÓSSIA, L. **Pistas do método cartográfico: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: ed. sulina, 2009

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: Ed. n-1, 2014.

SALES, Adriana. **Travestilidades e escola nas narrativas de alunas travestis**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Rondonópolis, 2012.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. Dissertação de Mestrado – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

YORK, Sara. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a) fiando e ocupando os “sistemas” de Pós-Graduação**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2020